

## A ESPONTANEIDADE DAS MANIFESTAÇÕES

Edmilson Marques\*

O Brasil está sendo tomado no atual momento por um conjunto de manifestações espontâneas. O que será que vem provocando esse fenômeno que a cada dia está tomando proporções cada vez maiores (se manifestando em vários países e com quantidade crescente de pessoas) e mais radicais (do enfrentamento direto e declarado com o estado)?

Para tratar deste tema é preciso primeiramente discutir o que é espontaneidade. Esta é parte da natureza humana. Ela se expressa de diversas maneiras no cotidiano de nossas vidas. É a expressão do desejo humano em transformar o seu cotidiano para que este possibilite o atendimento de suas necessidades básicas, como comer, beber, se vestir, morar, se locomover sem dificuldades, criando, assim, uma realidade onde possa desenvolver naturalmente suas diversas potencialidades.

A atividade espontânea é atividade livre do eu e implica, psicologicamente, o que significa literalmente o radical latino do termo *sponte*: por sua própria vontade. Por atividade não temos em vista “fazer alguma coisa”, e sim a qualidade de atividade criadora que pode agir igualmente nas experiências emocionais, intelectuais e sensoriais da pessoa (FROMM, 1983, p. 205).

A liberdade, no entanto, é parte fundamental desse processo, pois, só pode haver espontaneidade se houver liberdade para se expressar e, desta forma, torna-se também, expressão de sua natureza. Assim, ser espontâneo é demonstrar através de ações práticas a potencialidade e capacidade criativa, atuando na transformação da realidade, criando e gerando o novo, porém, em liberdade.

A espontaneidade, no entanto, pode ser limitada em consequência de ações controladoras. Isso ocorre quando as relações sociais estabelecidas entre os seres humanos inibem e limitam ações individuais e coletivas, impedindo o desenvolvimento natural de suas diversas potencialidades, a exemplo do que ocorre nas escolas, em que uma criança não cria, mas reproduz o conhecimento criado por outro, através da imposição realizada pela burocracia escolar. Quando isso ocorre um novo sentimento é gerado, o descontentamento. O descontentamento é a demonstração de que alguma coisa existente na sociedade está limitando ou dificultando o atendimento das necessidades básicas dos seres humanos, incluindo aí a liberdade. O descontentamento, portanto, expressa o desejo de romper com

---

\* Professor no curso de História e Economia da Universidade Estadual de Goiás, doutorando em História pela Universidade Federal de Goiás, militante do Movimento Autogestionário e pesquisador do Núcleo de Pesquisa e Ação Cultural – NUPAC.

estes limites e dificuldades, e agir com o objetivo de suprimi-los. Ao agir com este objetivo o indivíduo consegue novamente retomar a potencialidade criativa em suas mãos, perdida outrora, indispensável para superar esses limites que lhes são impostos.

No capitalismo, no entanto, a ação espontânea é parte do cotidiano de apenas alguns poucos indivíduos, dos capitalistas e de uma parcela de seus auxiliares, uma minoria, que têm em suas mãos a possibilidade de determinar como a sociedade deve ser organizada, e é nesse sentido que a burguesia conseguiu criar um mundo à sua imagem e semelhança. Um mundo inferior, um mundo vil, que gira em torno da produção, compra e venda de mercadorias, um mundo coisificado, onde o ser humano é transformado em uma coisa para atender aos interesses daqueles.

No entanto, mesmo sendo controlada e privilégio de uns poucos, a espontaneidade, por ser parte da natureza humana, tende a se expressar na ação daqueles que são explorados e oprimidos. Apesar de a espontaneidade ser um fenômeno relativamente raro em nossa cultura, não somos de todo destituídos dela (FROMM, 1983, p. 205). E é nesse sentido que atualmente o mundo, não só o Brasil, vem sendo tomado por manifestações espontâneas que aglomeram milhares de pessoas com o mesmo propósito, ou seja, o de suprimir determinadas questões sociais que lhes provocam o descontentamento. No Brasil, os meios de comunicação estão divulgando que essas manifestações se resumem à reivindicações relacionadas à passagem de ônibus, ao descaso do estado com a educação, saúde, segurança etc. O estopim em várias destas manifestações de fato tem uma relação com estas questões, porém, há algo mais profundo que é preciso ser revelado.

Ao analisar a história do capitalismo, vamos perceber que toda a sua história é marcada por manifestações espontâneas, hora com maior, hora com menor intensidade. Os motivos aparentes que fazem emergir a maioria destas manifestações que ocorreram e vem ocorrendo atualmente, no entanto, diferem em relação ao que reivindicam. Atualmente vemos estourar no Brasil, por exemplo, manifestações que reclamam da cobrança, e outros do preço, de passagens de ônibus, mas há também manifestações de trabalhadores rurais e outros setores da sociedade que clamam por melhores salários etc. A razão de ser destas diversas manifestações, no entanto, não se resume à reclamação de necessidades imediatas, embora seja essa a sua expressão aparente, mas, há algo mais profundo. Desta forma, a explicação para as manifestações espontâneas deve ser buscada na forma como a sociedade atual está organizada.

O capitalismo é uma sociedade dividida em classes sociais, e como tal, é organizada para atender aos interesses de uns poucos em detrimento da maioria. Alguns são privilegiados enquanto outros pagam pelo privilégio daqueles. É por isso que há indivíduos que podem ser portadores de meios de transportes individuais, havendo inclusive aqueles que nunca, se quer, entraram em um ônibus “coletivo”; é por isso também que há aqueles que pela exploração que exercem sobre os trabalhadores conseguem viver desfrutando das riquezas produzidas; outros recebem salários exorbitantes enquanto a maioria esmagadora recebe o mínimo para se manter vivo. Em síntese, o capitalismo foi organizado de acordo e para atender aos interesses da burguesia, e esta cede parte de seus privilégios à burocracia estatal para atuar na manutenção desta sociedade.

Podemos observar essa forma de ser do capitalismo nos locais de trabalho. O trabalho é o meio essencial que utilizamos para nos manter vivos. No entanto, foi convertido pela burguesia no meio para aumentar e reproduzir os seus privilégios. É por isso que a maior parte dos trabalhadores dedica sua vida ao trabalho, mas quem vive em melhores condições e vai se enriquecendo cada vez mais são os patrões, acompanhados de perto por aqueles que os auxiliam controlando e oprimindo os trabalhadores, a burocracia. Devido a isso é que os patrões não saem pelas ruas se manifestando, utilizando-se de *coquetel molotov*, em confronto direto com a polícia, nem reivindicando tarifas menores das passagens de ônibus ou reclamando por melhores salários e melhores condições de trabalho. Isto não ocorre pelo fato destas questões e esta sociedade não ser preocupação para eles e por ser eles a razão de ser desta situação.

Desta forma, o modo como se produz as riquezas existentes e a maneira como esta é distribuída, é a razão de ser das manifestações espontâneas. Uma vez que as riquezas produzidas são apropriadas por poucas pessoas, pelos capitalistas, isso cria uma sociedade em que a maioria é destituída destas riquezas e sofrem pelo não acesso a elas. Estando a maior parte da sociedade (as classes oprimidas e exploradas) destituída destas riquezas, logo, suas necessidades básicas se tornam um fardo, a liberdade inexistente, e a consequência é a instalação de um descontentamento generalizado. Assim se institui uma sociedade em que este descontentamento generalizado faz emergir as diversas manifestações espontâneas, que hora ou outra explodem como o fogo no cerrado, que busca queimar o velho e preparar o terreno para uma nova vida, onde a liberdade seja parte da vida cotidiana e a riqueza produzida, a realização humana.

As manifestações espontâneas expressam, desta maneira, o interesse da população oprimida e explorada de superar esta sociedade. Se o descontentamento inexistisse, não haveriam pessoas se mobilizando e gritando raivosamente por uma vida diferente desta. Assim, uma das questões que emerge com essas

manifestações atuais é que representam em si a crítica à burocracia, já que não são organizadas nem mesmo guiadas por integrantes de partidos políticos. É por isso que vemos os representantes do estado assustados com esse tipo de movimento, por não saberem com quem negociar, já que no limite de suas consciências, próprio dos integrantes de partidos políticos, só conseguem pensar uma determinada organização tendo à sua frente uma vanguarda, os representantes.

Quando a espontaneidade é expressa por manifestantes que buscam representarem a si mesmos, sem delegarem a outro a sua própria representatividade, isso gera uma confusão na cabeça dos burocratas, até mesmo dos intelectuais mais esclarecidos, o que leva o estado a justificar a repressão que exercem, expressando que os manifestantes são baderneiros, vândalos e um conjunto de outros adjetivos que utilizam para desqualificar a sua espontaneidade e fortalecer a falsa ideia da necessidade de representantes.

As manifestações espontâneas, no entanto, não são frutos de articulações de partidos políticos e se organizam no processo de desenvolvimento da luta empreendida. Nestas não há alguém determinando o que fazer nem para onde seguir. As manifestações espontâneas são integradas por pessoas que tomaram enfim, em suas mãos, o destino de sua própria vida; é a crítica prática a diversas questões consequentes da forma como esta sociedade está organizada.

É neste contexto que emerge a ideia de “pacificidade” que vem sendo aclamada e dirigida à população pelos meios oligopolistas de comunicação. Podemos perguntar: qual o motivo e interesse pela “pacificidade” das manifestações? Pacífico, segundo um dicionário famoso, significa: amigo da paz; tranquilo, pacato; aceito sem discussão ou oposição. Já ser espontâneo, significa: voluntário, que se desenvolve sem a intervenção de outro. A espontaneidade exige atuação, no sentido de deixar a inércia de lado para criar com suas próprias mãos o destino de sua própria vida sem a intervenção de outro; é participação, porém, perpassa pela oposição quando há limitações para seu desenvolvimento.

A emergência de uma manifestação espontânea é sinal que os indivíduos não estão mais suportando a situação em que estão vivendo. E nesse estado é impossível tratar com pacificidade aqueles que estabelecem a repressão e a opressão como pressuposto das relações sociais. Desta forma, essa concepção que defende a pacificidade caminha em sentido contrário à de espontaneidade. Assim, o que os meios oligopolistas de comunicação estão defendendo é o recuo e limitação das manifestações espontâneas, o seu controle.

A defesa da pacificidade não possibilita a criação do avanço da luta e se limita a reproduzir a mesma sociedade pautada na opressão e exploração de uma

minoría sobre a maioria. Com isso os meios oligopolistas de comunicação, ao invés de contribuir com o avanço das lutas espontâneas, no sentido de motivá-las a atingir a radicalidade ao ponto de colocar a ordem capitalista em xeque, o que fazem é se colocarem como limitadores da ação coletiva, o que demonstra estarem do lado da burguesia e também ao lado do estado.

A radicalização crescente das manifestações, no entanto, é uma resposta à intensificação da exploração capitalista. Com a intensificação da exploração, conseqüentemente, houve a necessidade de intensificar a repressão e o controle por parte do estado. Desta forma, de um lado o estado vem se utilizando da repressão cada vez mais brutal para manter a ordem estabelecida pelo capitalismo. Mas de outro, em resposta a essa repressão vem ocorrendo a emergência das manifestações espontâneas, que, sem as poderosas armas empunhadas pelo estado, respondem com uma força equivalente através da união coletiva. O sentimento comunitário é, desde sempre, a força principal, necessária para o progresso da revolução (PANNEKOEK, 2007, p. 159).

É claro que esse processo de luta contra o capitalismo não vai ocorrer de forma pacífica. O estado utilizará de todas as suas forças (armadas até os dentes) para defender esta sociedade, e as manifestações espontâneas têm mostrado que a transformação social só será possível através de uma atuação conjunta radicalizada. Assim, a exploração realizada nos locais de trabalho e o tratamento repressor que o estado oferece à população são os motores, agora, com uma intensidade ainda maior, em todos os cantos do mundo, de todas as manifestações espontâneas que vem estourando em todas as partes do globo terrestre.

A possibilidade da transformação social começará a se colocar, no entanto, quando as diversas manifestações espontâneas que emergem fora dos locais de trabalho eclodirem simultaneamente à luta espontânea do proletariado, momento em que se abre a possibilidade de ultrapassarem o campo das reivindicações imediatas e efetivar uma greve geral e de ocupação ativa. Os operários

Sabem que para conseguir sua própria emancipação, e com ela essa forma superior de vida para a qual tende irresistivelmente a sociedade atual, por seu próprio desenvolvimento econômico, terá que enfrentar longas lutas, toda uma série de processos históricos que transformarão as circunstâncias e os homens. Eles não têm que realizar nenhum ideal, mas simplesmente liberar os elementos da nova sociedade, que a velha sociedade burguesa agonizante traz em seu seio (MARX, 1986, p. 77).

Um dos limitadores daquelas manifestações é que se restringem, por exemplo, a reivindicar melhores salários, tarifas menores das passagens de ônibus, melhores condições de trabalho, etc. Pautar a luta pela reivindicação só adia o processo que levará à transformação social. Tanto é que quando essas passam e os

manifestantes conseguem dos capitalistas o consentimento de suas reivindicações, voltamos a receber salários e ser controlados e explorados nos locais de trabalho, continuamos pagando passagens de ônibus e continuamos trabalhando para o patrão sob a supervisão do burocrata. Ou seja, o capitalismo continua existindo, assim como as relações de opressão e exploração.

As manifestações espontâneas que ocorrem fora dos locais de trabalho, no entanto, estão se tornando cada vez mais radicais e podem abrir brechas no capitalismo para dar início a um processo revolucionário. Isso pode ocorrer quando a luta espontânea dos operários se instalar simultaneamente a aquelas. Karl Jensen já havia esboçado os três estágios da luta operária quando abordou a luta operária e os limites do “autonomismo”, onde demonstra que o terceiro estágio é o da luta verdadeiramente revolucionária. Para ele as lutas operárias espontâneas têm o significado de recusar praticamente o capital. Essa luta, no entanto, não assume ainda uma ação coletiva e consciente, ou seja, uma consciência revolucionária. O segundo estágio da luta operária

É o das lutas autônomas. Aqui o discurso nasce, ainda fragmentado, ainda incompleto, ainda incipiente, tal como as lutas travadas. Aqui a ação torna-se coletiva: as reuniões, os panfletos, a greve, o piquete, entre outras formas. Aqui se recusa o capital mas não só ele, como um produto derivado dele: a burocracia (JENSEN, 2001, p. 25).

Jensen observa que quando atinge o estágio das lutas autônomas é o momento em que a luta operária atinge um caráter radical, marcando o nascimento de uma ação revolucionária, porém, sem consciência revolucionária. É no terceiro estágio da luta que a classe operária desenvolve, enfim, a consciência revolucionária.

Aqui se revela uma luta que garante a recusa do capital e da burocracia e a afirmação da autogestão. O proletariado não só recusa o domínio do capital e da burocracia, mas também assume a direção revolucionária da fábrica e da sociedade. Aqui não só se realiza uma ação revolucionária como também se manifesta uma consciência revolucionária (Idem).

Jensen contribui para evidenciar a necessidade de desenvolver as lutas espontâneas ao ponto de atingir o terceiro estágio. E aqui, o espontaneísmo das manifestações se apresenta como um potencial transformador, porém, pode ficar nos limites da sociedade capitalista se não avançar para um estágio posterior, por isso é preciso desenvolvê-la no sentido de constituir lutas autogestionárias. Há, portanto, de um lado, a espontaneidade das manifestações que expressa uma crítica a determinado setor do capitalismo e paralelo a essa a espontaneidade da luta operária que já ocorre no cotidiano da sociedade capitalista e que representa de fato a recusa do capital. A transformação social começará a se figurar como uma

possibilidade efetiva, no entanto, quando ambas atingirem um terceiro estágio da luta.

Desta forma a sociedade será tomada pela luta declarada e aberta das classes exploradas e oprimidas, momento em que juntam suas forças contra seus opressores e exploradores. É neste momento que se coloca a possibilidade da passagem das lutas autônomas dos operários para as lutas autogestionárias.

Quando as lutas autônomas são substituídas pelas lutas autogestionárias, o conflito se torna mais grave, a guerra civil oculta se transforma visivelmente em guerra civil aberta e ambos os lados radicalizam suas ações e a vitória da classe capitalista ou da burocracia significa a contra-revolução, enquanto que a vitória da classe operária significa a instauração da autogestão social (VIANA, 2008, p. 29).

As diversas manifestações espontâneas que vem surgindo em todo mundo, portanto, é o sinal de que uma nova era, o começo de uma nova história a ser escrita pelas mãos das classes oprimidas e exploradas, que erguerão uma sociedade que será gerida por eles próprios, está prestes a começar. Isso só se tornará realidade quando as lutas espontâneas atingirem o estágio de uma consciência revolucionária, momento em que cria suas próprias organizações, determinada por seus próprios interesses, que lhe possibilite que a luta contra o capital aponte para sua abolição. Nesse estágio tem clareza de que a extinção da miséria, da fome, da pobreza, das classes oprimidas e exploradas, em síntese, do descontentamento histórico que perdura até a atualidade, só pode se tornar uma realidade com o fim daquele que o produz, ou seja, com o fim do capitalismo e seu representante direto, o estado. Esse fim, no entanto, só poderá ser obra, daqueles que são oprimidos e explorados nesta sociedade. As manifestações espontâneas estão, tão somente, anunciando que este fim se aproxima.

### Referências

- FROMM, Erich. *O Medo à Liberdade*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1983.
- JENSEN, Karl. *A Luta Operária e os Limites do “Autonomismo”*. In: Revista Ruptura. Publicação do Movimento Autogestionário. Ano 8, Número 7, agosto de 2001.
- MARX, Karl. *A Guerra Civil na França*. São Paulo: Global, 1986.
- PANNEKOEK, Anton. *A Revolução dos Trabalhadores*. Porto Alegre: Barba Ruiva, 2007.
- VIANA, Nildo. *Manifesto Autogestionário*. Rio de Janeiro: Achiamé, 2008.